

lhor, mais batido, e é também o que precisa mais de ser esclarecido.

Eu vou tentar estabelecer um paralelo significativo para melhor me fazer compreender no que pretendo que seja compreendido.

Antes dos trabalhos de Pasteur, no século passado, antes da descoberta dos micróbios e das suas acções, da descoberta das vacinas curativas e preventivas, antes do estabelecimento da bacteriologia, as doenças infecciosas não tinham terapêutica, não podiam ser tratadas, e a sua profilaxia estava reduzida a meia dúzia de acções empíricas e falíveis quasi sempre. Ignorava-se completamente como as doenças infecciosas surgiam e se desenvolviam, como se propagavam, como curavam ou, geralmente, como matavam a sua vítima. Nada de eficaz se podia fazer contra elas. De nenhuma arma se dispunha com a qual se pudessem combater ou evitar. Sabe-se hoje que as doenças infecciosas são devidas a uma acção especial de micróbios que se acantonam no nosso organismo; sabe-se, pelo estudo desses micróbios, da sua biologia, como devemos actuar para liquidar ou evitar as suas acções nefastas; sabe-se prevenir e curar a maior parte dos seus distúrbios; e foram, sem dúvida, os trabalhos de Pasteur que fizeram progredir a ciência médica até este ponto.

E' claro que o micróbio, por si só, não explica tôda a doença. Para que um micróbio seja patogénico são necessárias várias condições que dependem do meio mediato e immediato em que o micróbio se encontra instalado: deficiência orgânica congénita ou adquirida do indivíduo; aumento da virulência do micróbio por acções várias e múltiplas do meio ambiente; perturbações de ordem vária que se passam no organismo e que também se filiam, em última aná-

lise, no ambiente; etc. Ora Pasteur, que estudou sobretudo o micróbio, só se occupou destas acções extrínsecas no que elas interessavam à vida pessoal — digamos assim — do micróbio. Quero dizer que, para Pasteur, o que tinha importância primordial era o micróbio.

Pois bem: o elemento erótico de Freud é o micróbio de Pasteur.

Antes de Freud, ignorava-se tudo ou quasi tudo da etiologia das nevroses. Terapêutica, se a havia (o que havia, pode dizer-se, não merece o nome de terapêutica), era um complexo embrulhado de factores empíricos e ineficazes a maior parte das vezes. Com a descoberta do elemento erótico como factor etiológico das nevroses, Freud iniciou uma época na história da medicina psiquiátrica, como Pasteur a tinha iniciado na medicina das doenças infecciosas. E' hoje evidente que o elemento erótico por si só não explica a nevrose; para que êle se torne patogénico necessita de múltiplas condições, dependentes do meio ambiente e das reacções do indivíduo para com êsse meio. E aqui deve notar-se uma coisa importantíssima em que parece ainda não repararam os que teem combatido a psicanálise em nome da dialética: é que o elemento erótico de Freud não é uma produção espontânea, exclusiva, individualista... idealista, do indivíduo; é bem um *complexo*, «complexo de raiz erótica», como diz Seabra Deniz, e implica, portanto, a admissão de muitos factores reagindo uns sobre os outros. E' certo que «a sensualidade desempenha preponderante acção nos trabalhos do famoso médico vienense», o que significa simplesmente que o famoso médico vienense attribue tôda a importância ao erótico, como Pasteur a tinha attribuído ao micróbio. Os dois sábios encontram-se, de certo modo, em

(C O N C L U I N A P Á G I N A 13)